



## A VISÃO INDÍGENA ACERCA DA EVANGELIZAÇÃO A PARTIR DOS SERMÕES DO PADRE ANTÔNIO VIEIRA

*Leandro Henrique Magalhães\**

### RESUMO

A inconstância da alma selvagem tem sido apresentada como uma das grandes dificuldades da evangelização indígena. Partindo dos Sermões do Padre Antônio Vieira, pregados entre os anos de 1651 e 1661, mais especificamente o Sermão do Espírito Santo, e do artigo de Eduardo Viveiro de Castro intitulado “Sobre a Inconstância da Alma Selvagem”, procurar-se-á aqui apresentar a inconstância como um traço cultural do índio Tupinambá, o que possibilitaria a manutenção, pelo menos por algum tempo, de uma identidade nativa e da formação de uma religiosidade própria, que não seria nem cristã e nem indígena.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cultura Indígena; Evangelização; Padre Antônio Vieira; Sermões do Padre Antônio Vieira.

### ABSTRACT

The inconstancy of the wild soul has been presented as one of the greatest difficulties in the evangelization of Brazilian Indians. Based on Priest Antônio Vieira's Sermons, preached between the years 1651 and 1661, particularly The Sermon of The Holy Spirit, and also based on the article by Eduardo Viveiro de Castro named “About the Inconstancy of the Wild Soul”, I shall try to present inconstancy as a cultural feature of the Tupinambá Indian, which would make it possible for the maintenance, at least for some time, of a native identity as well as the formation of a native religiousness, one which would be neither Christian nor Indigenous.

**KEY-WORDS:** Indigine Culture; Evangelization; Priest Antônio Vieira; Priest Antônio Vieira Sermon's.

---

\*Mestre em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Aluno do Curso de Doutorado em História da mesma instituição. Professor de Metodologia do Ensino de História e de História da Educação, no Centro Universitário Filadélfia (UniFil). Professor de História Econômica Geral e de Formação Econômica Brasileira, e Coordenador de Pesquisas Acadêmicas, na Faculdade do Norte Pioneiro, de Santo Antônio da Platina - PR. Autor do livro “**Olhares sobre a Colônia: Vieira e os índios**”, publicado pela Editora da Universidade Estadual de Londrina (UEL).  
E-mail: leanmga@bol.com.br

## INTRODUÇÃO

A chegada dos europeus à América representou um encontro entre dois mundos distintos, com simbologias e valores muitas vezes excludentes (TODOROV, 1988, p. 04). Esse encontro preocupou gerações de intelectuais e ainda hoje é explorado pelos historiadores. Porém, apesar de tantos debates acerca do tema, ele é atual e nos apresenta uma série de problemas, dentre os quais um chama especial atenção: como entender o impacto que os indígenas sentiram ao se confrontarem com um sistema de valores e crenças distintos dos seus. Pretende-se aqui compreender este choque, a partir dos sermões pregados pelo Padre Antônio Vieira entre os anos de 1652 e 1661, período em que esteve junto às missões jesuíticas do Maranhão.

O estudo da visão do índio a respeito da evangelização jesuítica tende a transformar-se na busca de traços de resistências e negações. No entanto, ao analisarmos os sermões do Padre Antônio Vieira percebemos que não se fala de resistência do índio à conversão, mas sim da dificuldade de manter o indígena convertido devido à sua inconstância.<sup>1</sup> Este seria o traço principal do Tupinambá que, ao mesmo tempo em que é colocado como o problema fundamental a ser resolvido pelos jesuítas, abre caminho para que possamos encontrar o Tupinambá inserido em seu mundo e em suas crenças.

Muitos autores já se aproveitaram dessa trajetória, porém, na maioria das vezes, sem entender a inconstância como algo pertencente ao universo cultural do nativo, repetindo-se assim as interpretações dos jesuítas, que viam na inconstância um sinal de seus maus costumes e não de expressões culturais e vivências distintas. Acredita-se aqui ser este o ponto de partida para compreendermos o índio Tupinambá brasileiro e sua visão acerca da evangelização.

Para entendermos como o nativo brasileiro de um modo geral, e os Tupinambás do Nordeste do Brasil em particular, viram a evangelização, devemos em primeiro lugar considerar que estes viviam em um espaço onde estabeleciam relações sociais próprias, diferentes das do europeu. Assim, quando estes últimos chegaram ao Brasil, os índios Tupinambás relacionaram-se com eles da forma que estavam aptos, tendo em vista que estariam invadindo um espaço já habitado. Assim, faz-se necessário analisar a forma como os Tupinambás relacionavam-se antes da chegada dos europeus. Parte-se aqui das reflexões

---

1. **Sermão do Espírito Santo.** Todos os sermões foram selecionados a partir da mesma edição (VIEIRA, 1951).

desenvolvidas por Eduardo Viveiro de Castro, em artigo intitulado “*O mármore e a murta: sobre a inconstância da alma selvagem*”.<sup>2</sup> Segundo o autor, os índios Tupinambás do nordeste brasileiro possuíam um entendimento diverso dos europeus no que se refere à questão do “outro”. Ao contrário destes, que buscavam inserir o “outro” dentro da religiosidade cristã, os nativos necessitavam do “diferente” para manter a sua própria identidade.

Viveiro de Castro propõe então que se busque “que religião e que sistema eram estes que continham em si o desejo da própria perdição” (CASTRO, 1992, p. 22). Neste sentido, a análise que o autor faz da cosmografia Tupinambá é de grande valia. Para essa nação, a proeza e a vingança eram fundamentais para sua existência, o que lhes garantia um lugar no paraíso, sendo que os covardes teriam uma existência miserável na terra. A religião estaria vinculada às práticas guerreiras, sendo estas indispensáveis nesse tipo de sociedade, devido à necessidade de capturar inimigos para se vingar de membros da tribo anteriormente mortos, o que causaria a necessidade de vingança por parte da tribo que teve um membro capturado, levando a um ciclo que não teria fim. Até mesmo depois de reduzidos numericamente, os índios não abandonariam tais práticas, haja visto os constantes conflitos entre índios cristãos e pagãos (HOORNAERT, 1994), sendo este um dos principais motivos do decréscimo demográfico nas missões (LEITE, 1943). Além disso, a experiência guerreira dos Tupinambás leva a uma necessidade de chefes valentes, o que também é transposto para as missões.

Ao capturar um inimigo, antes deste ser morto e comido, era realizado um ritual onde se contaria o nome de todos os que a tribo dele já havia matado, justificando assim sua morte. A vingança guerreira era, portanto, o que permitia a manutenção do passado e a segurança de um futuro. Era necessária a manutenção de uma relação com o inimigo, pois a lembrança Tupinambá era a lembrança do “outro”. Essa sociedade constituía-se a partir dessas relações, nas quais os europeus não ficaram de fora. Como demonstra Giulia Lanciani (set.90/fev.91), com a chegada do europeu na América, tem-se a transposição de um imaginário, a partir da necessidade de traduzir algo estranho ou não identificável para um sistema simbólico conhecido. Há assim uma leitura por parte do indígena acerca da inserção do europeu em sua simbologia, determinado por um sistema de alteridade diferenciado do conhecido pelos portugueses.

---

2. Para identificar a inconstância do índio Tupinambá, Viveiro de Castro utilizou-se de vários cronistas, não apenas representantes da Companhia de Jesus como de outras ordens religiosas, além de se valer de escritos protestantes. O autor permite assim que visualizemos a amplitude que esta questão assumiu entre os que procuravam entender os nativos, além de possibilitar que identifiquemos a inconstância como um dos pontos centrais da cultura Tupinambá (CASTRO, 1992, p.21-74).

Segundo Viveiro de Castro, para os Tupinambás a superioridade tecnológica dos brancos estava associada à origem mítica do homem, na qual, no início dos tempos, os índios teriam tido a oportunidade de fazer uma escolha (tema da “má escolha”), enquanto que os brancos deveriam ter feito a “boa escolha”, possuindo assim a técnica e a imortalidade. A chegada dos portugueses serviria então para unir o que havia sido separado, alargando a condição humana, ou mesmo ultrapassando-a. É neste sentido que os Tupinambás inseriram os portugueses em seu imaginário. A própria postura dos jesuítas facilitava esta incorporação, pois, ao oferecer vida longa e saúde, além da vida eterna, estavam indo ao encontro das perspectivas indígenas.

Podemos perceber então que os índios, num primeiro momento, não buscam resistir ao trabalho missionário jesuítico. Ao contrário, assimilam os pregadores, transformando-os em Caraiabas (xamãs-profetas) e inserindo-os em seu imaginário, utilizando os missionários para manter seus “maus-costumes”. Deve ficar claro, no entanto, que esta manutenção não se dava deliberadamente, mas sim a partir de uma necessidade de comunicação e convivência com o europeu. Esta necessidade se dá também por parte dos padres, que chegam a tolerar algumas práticas indígenas, como a guerra e a manutenção dos principais nas tribos. Outro fato importante que deve ser aqui destacado é o de que muitas vezes as missões eram o único espaço onde o indígena poderia manter a sua identidade, pois fora daí aumentava a possibilidade de tornar-se escravo ou ser morto pelos colonos.

Assim, mesmo quando aceitava facilmente a conversão jesuítica, o índio não estaria deixando os seus costumes, mas, pelo contrário, reelaborando-os, o que dificultava o trabalho missionário na América Portuguesa. A inconstância passa a ser um traço definidor do caráter do índio brasileiro, o que exigiria um trabalho constante por parte dos jesuítas. Esta facilidade indígena em caminhar entre o mundo tribal e missionário e, ao mesmo tempo, a dificuldade da manutenção de sua fé por parte dos jesuítas, permite que mantenham suas relações sociais anteriores mesmo quando “assimilados às missões”. Viveiro de Castro lembra que, de todos os maus costumes, os missionários consideravam o canibalismo inaceitável, mas que outros, como, por exemplo, a vingança guerreira, eram tolerados. Percebe-se, portanto, que a própria necessidade do indígena assimilar o outro dificultava o oposto, ou seja, que os jesuítas os assimilassem.

Um dos grandes problemas do trabalho missionário seria a dificuldade de identificar e compreender o sistema de alteridade do índio.<sup>3</sup> Quando o Padre

---

3. **Sermão do Espírito Santo.**

Antônio Vieira afirma que os gentios não possuem fé, lei ou rei,<sup>4</sup> desconsidera a possibilidade de se ter um modelo oposto ao europeu e, assim, acredita que a simples manutenção do índio dentro das missões o deixaria longe de suas superstições e maus costumes. A própria diferença de entendimento do outro fazia com que os jesuítas não encontrassem resistência indígena no que se refere à conversão, pois os europeus possuíam uma perspectiva assimilacionista, enquanto que os nativos atuavam em um sentido integracionista.

Como o índio reduzido às missões mostrava-se propício à assimilação da fé católica, os padres jesuítas não conseguiam enxergar a manutenção dos “maus-costumes”. A tolerância de alguns aspectos da vida indígena torna-se aceitável à medida que estes eram assimilados, com exceção para o canibalismo e a poligamia. Assim, o funcionamento do sistema de alteridade possibilitou a manutenção da identidade cultural indígena, que, mesmo quando recebe novas influências, apesar de aparentemente não resistir a elas, não se entrega totalmente e nem se esquece de seu passado e tradição.

Um exemplo seria a constante busca dos Tupinambás pela “Terra sem Mal”, um lugar onde todos os males seriam eliminados e todas suas necessidades supridas sem maiores esforços, colocando em oposição o mundo em que viviam e o mundo em que desejavam viver, o que levava a um reordenamento constante das estruturas da sociedade Tupi (VAINFAS, 1995). Após a chegada dos europeus, um componente colonial típico como a escravidão integra-se nas expectativas Tupinambás em relação à “Terra sem Mal”. Nela eles esperavam uma inversão de sua situação, já que nesse lugar os brancos seriam escravizados e os índios seriam os senhores, adquirindo assim um caráter anti-colonial e anti-cristão. A maioria dos Profetas ou Caraíbas eram mulatos ou indígenas que haviam passado pelas missões, incorporando elementos cristãos em seus rituais, criando-se uma religiosidade que, segundo Ronaldo Vainfas (VAINFAS, 1995), seria elaborada dentro das missões jesuíticas e seria própria da América Portuguesa (BOSI, 1992).

Há assim uma dificuldade de se falar na resistência indígena em relação à evangelização pois, para havê-la, seria necessário a existência de algo a que se opor, que ameaçasse uma determinada ordem ou sistema já estabelecido. Ao analisarmos os sermões do Padre Antônio Vieira, percebemos a dificuldade dos missionários jesuítas por não encontrarem qualquer forma de resistência por parte dos Tupinambás que, ao contrário, aceitam com facilidade a palavra de Deus, apesar de logo voltarem para seus costumes e ritos.<sup>5</sup>

---

4. Sermão da Epifania.

5. Sermão do Espírito Santo.

Assim, o que os preocupava não era uma oposição dos nativos frente à empresa missionária, mas sim a inconstância e dificuldade de manter este nativo longe dos maus costumes. Além disso, não devemos ignorar o fato de que, para Vieira, assim como para grande parte dos cronistas coloniais, os gentios do Brasil não possuíam lei, nem rei e nem fé,<sup>6</sup> e, assim, não tinham o que colocar em oposição ao poder temporal do Rei e espiritual da Igreja.

Como demonstrado anteriormente, o índio e o europeu possuíam concepções diferenciadas em relação ao outro. Enquanto o europeu entendia o “outro” a partir de uma concepção cristã, ou seja, a partir da idéia de assimilação, o indígena entendia o “outro” como forma de interação, a partir dos limites culturais que a sua experiência impunha e, ao mesmo tempo, não negando a sua identidade. Dentro do espaço colonial, portanto, duas visões de mundo confrontam-se, construindo entre si formas de diálogo, estabelecendo meios que possibilitem a sobrevivência de ambos.

Deste modo, a inconstância do Tupinambá, que para muitos pode ser entendida como forma de resistência, apresenta-se como expressão cultural do indígena que, ao se defrontar com algo novo e incompreensível, procura entender este novo a partir de suas experiências anteriores. Os Tupinambás encontrariam aí a possibilidade de manutenção de sua identidade, auxiliada involuntariamente por uma certa tolerância jesuítica.

Assim, se entendermos resistência como oposição e as relações entre os nativos e os padres da Companhia de Jesus como busca de convivência (o que geralmente não se deu de modo pacífico), não podemos dizer simplesmente que houve uma resistência dos índios em relação à evangelização, mas sim a “construção” de espaços de convivência e sobrevivência, que possibilitaram durante algum tempo a manutenção de uma identidade Tupinambá.

---

6. Sermão da Epifania.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOSI, A. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- CASTRO, Eduardo Viveiro de. O mármore e a murta: sobre a inconstância da alma selvagem. **Revista de Antropologia**. São Paulo, USP, 1992, v.35, p.21-74.
- HOORNAERT, Eduardo. **A Igreja no Brasil Colônia (1550-1580)**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- LANCIANI, Giulia. O Maravilhoso como critério de diferenciação entre sistemas culturais. **Revista Brasileira de História**. São Paulo: Marco Zero, set.90/fev.91, v. 11, n. 21.
- MAGALHÃES, Leandro Henrique. **Olhares sobre a Colônia: Vieira e os índios**. Londrina: EDUEL, 1999.
- LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943.
- TODOROV, T. **A conquista da América: a questão do outro**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- VAINFAS, Ronaldo. **A heresia dos índios: catolicismo e rebeldia no Brasil colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- VIEIRA, Padre Antônio. **Sermões**. Porto: Lello & Irmãos, 1951.